

**FUTEBOL E LAZER DISSIDENTE: QUANDO PESSOAS LGBTQIA+ VIVENCIAM A PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA****Recebido em:** 22/03/2025**Aprovado em:** 07/08/2025**Licença:** *João Martins Nogueira Júnior<sup>1</sup>*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3641-8356>*Silvio Ricardo da Silva<sup>2</sup>*

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Ouro Preto – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0584-3675>

**RESUMO:** Esse artigo é o relato de uma pesquisa que objetivou analisar as relações das pessoas LGBTQIA+ com o futebol enquanto espaço e vivência do lazer, cuja metodologia foi de natureza qualitativa, a partir dos pressupostos etnográficos. Focou-se no time Predadores de Belo Horizonte, cujos sujeitos eram homens gays, cis, com uma trajetória de vida permeada pelo preconceito, prática de futebol como lazer e vivência no futebol amador. Esse fenômeno se identifica com um lazer e futebol “dissidente”, por exporem existências indesejáveis e discriminadas pela norma heterossexual, tensionando o meio futebolístico. As motivações para a prática do futebol, relacionam-se a ambiente familiar; apelo afetivo-sexual e paixão pela modalidade. Ao expor seus corpos e sexualidade dissidentes, esses indivíduos questionam certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol. Lazer. LGBTQIA+. Dissidência.

**SOCER AND DISSIDENT LEISURE: LGBTQIA+ PEOPLE'S EXPERIENCES OF PLAYING SOCCER**

**ABSTRACT:** This article is the report of a study that aimed to analyze the relationships of LGBTQIA+ people with football as a space and experience of leisure, whose methodology was qualitative in nature, based on ethnographic assumptions. The focus was on the Predadores team from Belo Horizonte, whose subjects were gay, cis men, with a life trajectory permeated by prejudice, playing football as leisure and experiencing amateur football. This phenomenon identifies with a “dissident” leisure and football, as they expose undesirable existences and discrimination by the heterosexual norm, putting tension in the football environment. The motivations for

<sup>1</sup> Licenciado e pós-graduado pela Universidade Federal de Viçosa-MG. Doutor e Mestre em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>2</sup> Professor titular da UFOP. Professor do PPGIEL-UFMG.

playing football are related to the family environment; affective-sexual appeal and passion for the sport. By exposing their dissident bodies and sexuality, these individuals question certainties on and off the football field, claiming for themselves the right to sport and leisure.

**KEYWORDS:** Football. Leisure. LGBTQIA+. Dissidence.

## Introdução

A presença de pessoas LGBTQIA+<sup>3</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis, Queer, Intersex, Assexuados, Pansexuais, Não binários) no universo esportivo aos poucos tem feito seu “*coming out*” ou “saída do armário”,<sup>4</sup> e visto à luz do dia, apesar das inúmeras forças políticas, sociais, religiosas, econômicas, dentre tantas outras, que a todo instante impedem que esses indivíduos possam exercer seus direitos, inclusive aqueles relacionados ao esporte e ao lazer. E se considerarmos particularmente a participação dos sujeitos dessa comunidade enquanto torcedores presentes nos estádios ou não, enquanto atletas ou simplesmente praticantes do futebol, as forças contrárias são ainda mais intransponíveis.

Entretanto, as pressões dessa comunidade têm provocado fissuras no esporte como um todo e no futebol, obrigando a modalidade a enfrentar seus fantasmas e questionar as normas cis-heteronormativas<sup>5</sup> que a acompanham desde sempre. Tal paradigma tão cristalizado começa a ser questionado e revisto devido a outros paradigmas, pautados em novos estudos e na conquista de direitos das pessoas

<sup>3</sup> Assim como alguns estudiosos e ONGs, adotamos esta sigla para definir pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Sigla cada vez mais empregada a partir da metade dos anos 1990 e fortemente ligada às políticas de identidade, ela possui muitas variantes, inclusive com ordens diferentes das letras, como atualmente é denominada: LGBTQIAPN+. Aqui, optamos pela sigla LGBTQIA+.

<sup>4</sup> A referência a “sair do armário” ou “do closet” tem estreita relação com a expressão *to come out*, que significa fazer-se aparecer ou tornar algo público. Tal acepção adquire maior peso quando a expressão é pronunciada no tocante à orientação sexual: “declarar-se” gay ou lésbica, por exemplo (Camargo, 2018).

<sup>5</sup> O termo heteronormatividade foi criado em 1997 por Cathy J. Cohen, que definiu pela primeira vez a normatividade cuja evidência está em um “sistema hétero”, colocando a heterossexualidade como prática intrínseca e natural, como esclarece Rosa (2020). A pessoa cisgênero é aquela cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído a ela no nascimento (Rosa, 2020).

LGBTQIA+, além de iniciativas desse grupo no sentido de reivindicar e redefinir oportunidades de práticas esportivas, como aquelas voltadas ao futebol enquanto lazer.

Nas diversas esferas em que o futebol se faz presente, o torcer representa uma prática significativa, entendida como uma vivência de lazer (Silva; Souza Neto; Campos, 2011; Lages; Silva, 2011) por inúmeras pessoas, dentro e fora de nosso país. Percebe-se o alcance da modalidade em nossa cultura, sem perder de vista toda a história que ela carrega, com suas contradições, masculinidade exacerbada, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia e racismo. Apesar disso, o futebol também é espaço de disputas das mais diversas naturezas.

No caso brasileiro, como bem esclarece Oliveira (2018), enquanto manifestações culturais, o esporte e o futebol possibilitam estabelecer articulações com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas de determinados grupos. E esse alcance e influência da modalidade em nossa cultura elevaram o futebol ao *status* de paixão nacional, visão defendida por alguns estudiosos, pela imprensa e facilmente percebida por sua influência no dia a dia dos brasileiros e brasileiras. Mas será que é assim mesmo quando pensamos em sujeitos que escapam à norma cis-heteronormativa? Nessa conjuntura surgem as fissuras e inúmeras possibilidades de se estudar a modalidade, entendendo-a enquanto fenômeno sociocultural de grande relevância.

Como recorte para apresentação desta pesquisa, importou-me compreender o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+ enquanto experiência de lazer. Isso porque muitas barreiras ainda persistem no futebol para a participação dessa comunidade. Neste trabalho acompanhei a prática da modalidade por sujeitos da comunidade LGBTQIA+ integrantes de times que atuam na cidade de Belo Horizonte. O estudo foi elaborado a partir de uma incursão etnográfica em diálogo com a produção teórica dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero, Gays e *Queer*, considerando um conjunto de

estudiosos desses campos: Magnani (2009), Peirano (2016), Louro (2017), Butler (1999), Escosteguy (2010), Bonin (2020), dentre outros. Essa minha incursão no universo futebolístico LGBTQIA+ de Belo Horizonte me faz recorrer ao que diz Magnani (2003): é uma experiência etnográfica que todos querem no primeiro momento, para entrar e mergulhar numa situação nova, deixando-se impregnar pelos estímulos advindos dali e procurando familiarizar-se com seus significados.

Considerando que estamos a tratar do futebol, Silva Junior (2018, p. 18) nos lembra dos obstáculos que “resistem como paradigmas e incitam uma educação do torcer masculino, fálico, potente, viril, alicerçado na tradição inventada do ‘futebol como coisa de macho’”. Já Pisani (2021) reforça o fato de que o jogar bola é encarado como uma competência inata que faria do menino/homem cisgênero e heterossexual o seu natural praticante e interlocutor. Gomes (2020) destaca o futebol como um dos ritos de iniciação do pertencimento ao masculino, em que os elementos constituidores do que se entende por masculinidade são reforçados tanto pelo discurso quanto pela prática.

Analizar a modalidade enquanto um aspecto de nossa sociedade nos abre um leque de possibilidades intrigantes e pertinentes, uma vez que o futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar (Daolio, 2000). No caso da pesquisa aqui detalhada, podemos ver aproximações importantes de serem feitas nesse sentido, ao tomarmos como exemplo o ambiente futebolístico enquanto um espaço masculinizante. Para Gomes (2020), o ambiente masculinizado produz um espaço essencialmente contraditório, especialmente para torcedores homossexuais, que se veem excluídos e incluídos ao mesmo tempo, gerando uma espécie de não pertencimento.

Nessa direção, é pertinente alguns questionamentos que balizaram essa pesquisa: Quais são e como se desenvolvem os campeonatos de futebol voltados para as pessoas

LGBTQIA+? Existem elementos de comparação com as competições esportivas convencionais? Como os corpos se materializam nesse espaço mediante discursos e padrões hegemônicos? Como, ao longo de suas trajetórias de vida, esses indivíduos construíram sua sexualidade e sua relação com o futebol? Quais são as disputas internas e externas em decorrência da presença das pessoas LGBTQIA+ no meio futebolístico?

Esses aspectos são motivos mais do que pertinentes para impulsionar investigações como a aqui proposta, cujo objetivo geral foi analisar as relações das pessoas LGBTQIA+ com o futebol enquanto espaço e vivência do lazer. Tal conjuntura muito têm me instigado a buscar por respostas e questionamentos a respeito da fruição e da vivência do esporte enquanto espaço de lazer pelas pessoas LGBTQIA+, as quais tem confrontado e forçado barreiras, paradigmas e visões cristalizadas sobre ser e estar no mundo. Para Gomes (2014), o lazer, enquanto parte integrante desse processo, pode contribuir com a (re)elaboração de valores, numa caminhada em direção à (re)construção de nossas realidades.

A presença das pessoas LGBTQIA+ exerce um importante papel social ao ocupar os espaços rígidos, doutrinários, preconceituosos e binários no esporte. Os sujeitos aqui focados elaboram, como nos lembra Camargo (2020, p. 601), “[...] a partir das próprias existências de suas manifestações esportivas, questões políticas mais profundas, que certamente impactam o esporte e o futebol de alguma forma.”

A relevância deste estudo está no fato de que esse é um fenômeno recente, repleto de nuances e idiossincrasias que merecem um olhar atento no campo de estudos sobre o futebol e o lazer, cujas pesquisas sobre o tema estão ainda em estágio embrionário. Queiroz e Silva (2021) nos lembram que o lazer apresenta dimensões que se conectam com o futebol: sua característica multidisciplinar, suas possibilidades de

apropriação e a cultura, que tem a emoção como um dos campos de análise para se pensar as conexões com futebol.

Rechia (2015), reforça o fato de que usufruir o direito ao lazer no meio urbano pode ser uma possibilidade para alcançarmos brechas de liberdade e felicidade em meio a essa complexidade, desde que consigamos compreender a importância dessa dimensão para a vida humana. Aí entra o exercício da cidadania, que faz com que grupos invisibilizados se vejam no direito de também reivindicar para si as práticas de esporte e lazer, como o caso das pessoas LGBTQIA+, foco desse estudo.

Logo, tenho clareza que as práticas esportivas como modo de lazer, a exemplo do futebol aqui investigado, são vivências também entremeadas por possibilidades e tensões, as quais se fazem presentes em distintos âmbitos e contextos, indicando a relevância de desvelar outras possibilidades para se problematizar o lazer que possam ir além do entendimento convencional e restrito, que o define como mero apêndice do trabalho (Gomes, 2014).

Aqui, cabe lembrar o fato de que pessoas que escapam à norma heteronormativa escapam também do acesso a direitos, pois eles são negados a esses indivíduos. Concordo com a estudiosa Louro (2007), ao dizer que conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável.

Utilizamos dos aportes teóricos dos Estudos Culturais, de Gênero e *Queer*, alicerces importantes para a pesquisa e seus desdobramentos. Cabe, ainda, lembrar que as abordagens teóricas e políticas sobre o tema das chamadas minorias sexuais e de gênero têm demonstrado que as estratégias teóricas e políticas priorizaram a conquista

de direitos e suas práticas e discursos têm-se remetido ao campo da assunção e ao reconhecimento dos sujeitos identitários (Cesar, 2016).

Mas, por que o futebol? O que motiva/motivou nos sujeitos LGBTQIA+ o interesse pela prática de uma modalidade que historicamente se constitui um espaço tóxico e preconceituoso para esses indivíduos? Podemos começar respondendo que a reivindicação dessa comunidade pelo direito às práticas esportivas, em especial àquelas futebolísticas, é um fato recente, provocado por uma ação da própria comunidade e por uma visibilidade cada vez maior desses atores em diversos âmbitos de nossa sociedade.

Refletir sobre o esporte, e em especial o futebol e pessoas LGBTQIA+, nesse contexto, para além dos códigos e regras heteronormativas e excludentes me parece necessário e urgente, em resposta aos desafios apresentados por uma conjuntura local, nacional e global. Para Bueno e Pimenta (2018), a participação de atletas amadores assumidamente homossexuais em competições de futebol voltadas exclusivamente para o público LGBTQIA+ é algo recente no Brasil, e por isso é importante que pesquisadores se debrucem sobre o fenômeno.

Esse aspecto é reforçado por Anjos e Silva Junior (2018), que também veem os sujeitos LGBT's que ocupam o ambiente futebolístico como corpos dissonantes por se desviarem de padrões estéticos, comportamentais e identitários ali idealizados. Logo, essas pessoas apresentam um potencial disruptivo e subversivo em relação às normatividades instituídas por esse esporte (Camargo, 2016).

Camargo (2020) chama nossa atenção para o fato de que, na atualidade, há outros sujeitos que devem ser considerados e que se expressam seu conhecimento futebolístico, cujas ações têm politizado o campo esportivo por meio de práticas que inauguram o que ele chama de “múltiplos futebóis”. Verifica-se que “outros” sujeitos buscam, ao seu modo e com seus corpos e desejos, (re)criar e vivenciar a prática do

futebol. Muitas são as variáveis que estão em jogo quando o assunto é associarmos a comunidade LGBTQIA+ e as práticas esportivas, como as futebolísticas, que também são objeto de paixão para parte desses indivíduos.

Sendo assim, a proposta metodológica escolhida por essa investigação foi de natureza etnográfica, enquanto:

[...] uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2003, p. 84-85).

Logo, esta pesquisa assumiu uma natureza qualitativa na coleta, descrição e análise dos dados, a partir dos pressupostos etnográficos, que implicam na recusa a uma orientação definida previamente, uma vez que a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos e com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (Peirano, 2014). Sendo assim, os resultados encontrados são válidos enquanto vistos a partir dessa experiência.

Foram utilizados como instrumentos de coleta o caderno de campo, a observação participante e a entrevista semiestruturada. Ao longo da tese, optamos por identificar os sujeitos por nomes abreviados e transcrever suas falas o mais próximo possível da forma como elas foram extraídas. Por isso, eventuais desvios da norma-padrão e variações linguísticas foram mantidos nas descrições das falas dos sujeitos desse estudo.

Vale salientar o tratamento dado ao conjunto dos dados obtidos e como eles são registrados, algo fundamental numa abordagem etnográfica como a aqui proposta. Desse modo, o trabalho de campo se fez pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, sendo necessário ultrapassar o senso comum de que a linguagem apenas diz e descreve, com base na relação entre uma palavra e uma coisa e todos os aspectos envoltos nessa dinâmica relacional (Peirano, 2014).

Cabe deixar claro, ainda, que na análise dos dados os sujeitos também foram considerados como historicamente situados, uma vez que, ao praticar a investigação dentro dos Estudos Culturais, deve prevalecer a ideia de que pesquisar significa construir interpretações, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos (Escosteguy, 2010). Dentro dessa perspectiva, o material obtido diante de práticas metodológicas etnográficas não pode ser entendido como um dado natural.

Por fim, este estudo focou o futebol praticado por sujeitos de um time LGBTQIA+ da cidade de Belo Horizonte, acompanhando seus treinos, competições, confraternizações e viagens, assim como as interações com outros sujeitos envolvidos na prática futebolística da qual faziam parte. O período de acompanhamento efetivo junto aos sujeitos transcorreu no ano de 2023, durante oito meses.

### **Lazer Dissidente: Do Armário para os Campos de Futebol**

Ao definirmos como campo e objeto o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+ em Belo Horizonte, conhecendo os times existentes e as atividades que exerciam, optamos em acompanhar especificamente o time Predadores, cuja história se confunde com o surgimento dos primeiros times de futebol LGBTQIA+ em Belo Horizonte. Com a realização da primeira *Champions Ligay*<sup>6</sup> foi possível assistir o surgimento de times de futebol da comunidade nacionalmente. E lá estava também o Bharbixas, primeiro time da cidade, criado naquele mesmo ano, que se sagrou campeão da primeira edição da Ligay.

No período de conhecimento do universo a ser pesquisado, que ocorreu entre os anos de 2021-2023, foram identificados os seguintes times em Belo Horizonte:

---

<sup>6</sup> A LIGAY é a maior associação esportiva LGBTQIA+ sem fins lucrativos do Brasil, e uma das maiores do mundo, com 45 equipes filiadas em todos os estados da Federação e cerca de 2 mil atletas amadores cadastrados (<https://plataforma.sporti.com.br/LIGAY>).

Bharbixas Esporte Clube, Mano Tauros Esporte Clube, Felinos Esporte Clube, Predadores Esporte Clube, Inconfidentes *Pride* e Elite Futebol Clube.

Um importante aspecto diz respeito às motivações dos sujeitos quanto à prática do futebol e ao fato de fazerem parte de um time LGBTQIA+.

Não sei por quê. Não tem como te afirmar. Mas no meu ver, falando a grosso modo, o gay joga mais pra mostrar em si pra quem tá de fora. O hétero já joga mais por esportividade e competitividade. Se precisar de brigar pra ele ganhar o jogo, ele vai brigar. O gay não. Já quer fazer um gol pra mostrar pra torcida que fez um gol. Mesmo perdendo... Se ele fez um gol, pra ele tá ótimo [...] Às vezes perde de cinco, fez um gol. A pessoa que fez um gol, pra ele foi bom. Mas não são todos. Isso é perfil de cada um. Eu percebo que é o perfil da maioria (P. R.).

A fala acima, é de certo modo corroborada pelo então presidente do time Predadores, quando comenta sobre as principais motivações da participação em um time de futebol LGBTQIA+. Ele apontou que a busca por parceiros sexuais é um atrativo, mas lembra que, para aqueles atletas do interior, a participação é algo significativo pela experiência que vivenciam e que não existe em suas cidades. Ele aponta também que as viagens para campeonatos e as festas que ocorrem nesses eventos também são um forte atrativo (D.C., fevereiro de 2023).

De antemão, podemos destacar o fato de que inúmeros são os motivos para a procura desses sujeitos para práticas futebolísticas. Entretanto, só o fato de adentrar num terreno na maior parte das vezes avesso a corpos e subjetividades dissonantes, que destoam daquelas “aceitas” no campo futebolístico, provoca fissuras num fenômeno cultural e social marcadamente heterossexual. Isso pode significar um movimento que vai além, rumo a uma ruptura de paradigmas.

Nessa discussão, acredito ser necessário introduzir o conceito de dissidências sexuais e momentos em que as práticas de lazer propiciam experiências nesse sentido. Rubino (2019), nos ajuda nesse entendimento ao dizer que pensar a dissidência sexual nos permite pensar as práticas, os corpos e as identidades que constituem resistências

nas relações de poder (Foucault) ou pontos de fuga para a axiomática heterossexual (Deleuze; Guattari, 1988). Isso se constitui numa visão dinâmica e em movimento contínuo, pois não só não há fora do poder (Foucault), mas o que escapa à norma e rompe com o aceitável e com o inteligível muitas vezes é recuperado pelo axiomático ou semiotizado, ou seja, normalizado (Rubino, 2019).

### **Notas sobre Histórias de Vida: Conhecendo as “Gays” do Time**

Os dados obtidos com os sujeitos entrevistados apontaram diversas características relacionadas à questão de raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero, aspectos que achamos importante para o problema de nossa pesquisa. A maioria dos entrevistados moram em áreas distantes da região central da cidade de Belo Horizonte. Esses dados demonstram que o deslocamento dos integrantes para os treinos, competições e outros eventos do time é um fator que dificulta o acesso e gera gastos financeiros, uma vez que os eventos (treinos, competições, amistosos) são realizados em diferentes localidades, em sua maioria mais próximos da região central de Belo Horizonte. Já quanto à formação dos entrevistados, todos possuíam curso superior, exceto um deles, estavam empregados e possuíam uma renda fixa, trabalhando ou não na área de sua formação. Apesar disso, nas conversas do time, era costume outros jogadores que não foram entrevistados apresentarem dificuldades para participar de algum treino, competição ou viagem, principalmente aqueles que se encontravam desempregados ou que estavam cursando uma graduação.

Foi constatado que a maioria se identifica como “negro” ou “pardo” demonstra características desse grupo de jogadores de Belo Horizonte, algo que muitas das vezes destoa das características daqueles primeiros participantes das competições da Ligay, como apontam algumas pesquisas (Camargo, 2021). Tais aspectos aparecem em

momentos em que o preconceito de raça e classe ocorre por ocasião dos campeonatos que pudemos acompanhar com a participação dos Predadores.

Verifica-se que a maioria dos entrevistados é composta por homens gays cis, sendo que dois deles se posicionaram como bissexuais, e uma pessoa como lésbica, que representa a técnica que treinava o time na época. Ao tocarmos no tema da sexualidade, fazermos a abordagem de modo amplo, com suas complexidades. Butler (1999) vai nos dizer que o sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.

Ao apontarem suas limitações e a posição de vanguarda enquanto pessoas LTGBTQIA+ que veem no esporte, particularmente o futebol, um espaço também de direitos e exercício da cidadania, esses indivíduos vão de encontro a um status quo que os impede de se expressarem — e talvez até mais — nesse espaço. Tal fato se constitui em resistências, ou seja, a insubordinação, o não acomodamento e a recusa ao ajustamento, que se constituem em múltiplas formas que a resistência pode assumir (Louro, 2017).

Estudiosos do campo demonstram o grau e a importância da relação entre resistência e lazer. Para Shaw (2006) apud Sharpe (2017), o campo interessou-se pela resistência ao reconhecer que o lazer não é "inocente", pois, como qualquer domínio, trata-se de uma esfera de luta na qual o poder é negociado, conquistado e perdido. Por esse motivo, estudar a resistência permite examinar mais de perto as várias disputas e lutas de poder que ocorrem no e através do lazer, e as maneiras como o lazer é usado para se opor ou para mudar várias manifestações de dominação e status quo (Sharpe, 2017).

## **Trajetórias de Vida: Futebol, Lazer, Gênero**

Ao conhecermos um pouco da história de vida dos sujeitos dessa pesquisa e sua relação com o futebol e o lazer, aspectos importantes puderam ser constatados, revelando histórias de preconceito, paixão pela modalidade e times do coração, em paralelo à construção das identidades desses indivíduos.

Ao considerarmos a categoria gênero como importante instrumento de compreensão dos sujeitos dessa investigação, o mesmo buscara, então, dar conta de relações constituídas socialmente, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social (Colling; Tedeshi, 2019). Podemos dizer o mesmo quanto à categoria masculinidades. Algumas das características da masculinidade hegemônica se referem a variáveis e depoimentos atitudinais, como: capacidade atlética, apresentação de uma identidade masculina e a manutenção da homofobia (Anderson, 2011). Outras variáveis, no entanto, dizem respeito a variáveis atribuídas: branquitude, heterossexualidade e juventude, sobre as quais Connell argumenta que, independentemente da massa corporal, idade ou realizações esportivas, os homens gays estão no fundo dessa hierarquia (Anderson, 2011).

Cabe salientar que, em sua trajetória de vida, os sujeitos desta investigação tinham a prática futebolística como um espaço/tempo de lazer. Os depoimentos a seguir retratam esse fato.

Não, era lazer. Tanto que hoje o meu antiestresse é o futebol. O futebol, eu sempre gosto de esporte por causa da competitividade. Isso que me induz mais para campeonato (P. R).

Eu me identificava mais como lazer, o esporte por si só, o prazer de estar jogando...O prazer de estar participando com pessoas que a gente acaba fazendo parte do nosso vínculo de amizade (P. B.)

Quando questionados sobre o lugar que o futebol ocupava em suas vidas, os sujeitos demonstram a importância da prática como lazer. Nesse sentido, enquanto

necessidade humana e dimensão da cultura, o lazer pode aguçar as sensibilidades e estimular as pessoas a refletir sobre as particularidades que marcam cada contexto (Gomes, 2014).

Outros aspectos também podem ser considerados quanto à prática de lazer por parte dos sujeitos dessa investigação, para os quais prazer e compromisso andam juntos.

Hoje eu levo como lazer, como hobby, mas coloco ele também como prioridade. Também, o máximo que eu puder ir viajar para outros estados para disputar campeonato, porque eu tenho essa paixão, eu faço... (P. MP).

Sim. É um lazer e é mais também ter essa coisa do compromisso. É um compromisso também (P. H.).

Percebemos que os sujeitos citados tiveram acesso a práticas futebolísticas nas quais prazer, obrigação e compromisso faziam parte do mesmo universo. A paixão pela modalidade colocava a prática futebolística em lugar privilegiado nos momentos de lazer. Como era de nosso interesse saber sobre a história de vidas dos sujeitos e sua relação com o futebol, os dados encontrados transmitem que essa relação sempre foi mesclada por paixão, influências de familiares e preconceito. Nos relatos colhidos através das entrevistas, podemos notar que a experiência futebolística dos sujeitos aconteceu de diferentes maneiras, nos dando pistas importantes sobre as escolhas e o perfil dessas pessoas. Num dos relatos, esses aspectos foram aparecendo:

Bom, o futebol ele entrou na minha vida desde criança, pela faixa dos 9, 10 anos, na escola, né? [...] E eu comecei a me interessar pelo futebol a partir de uma amizade que eu tinha com um rapaz, e eu falei assim: “Não, vou lá jogar futebol com você.” Aí eu comecei a jogar futebol de campo a partir dessa amizade que eu tive (P. C.).

Eu pratico futebol desde os 6 anos de idade. Desde criança mesmo. E sempre foi com todas as pessoas. É lógico que naquela época a gente não sabia muito quem era gay, bissexual. Algo dessa forma... (P. R.)

Esses dois relatos têm algo em comum: o fato de que o futebol esteve presente na vida desses sujeitos desde criança, algo compreensível em nossa cultura futebolística, em que a modalidade nos é apresentada desde cedo por diversas instituições, como a

escola, família, amigos, meios de comunicação, dentre outros. Um dos depoimentos aponta também o fato de que o universo LGBTQIA+ era ainda algo distante e sem muita compreensão, o que revela a dificuldade de inserção dessa comunidade nesse espaço, e algumas dessas causas pode-se atribuir ao fato de que as pautas e leis que inserem a comunidade LGBTQIA+ enquanto sujeitos de direitos serem algo recente.

Outros relatos apontam para o fato de que algumas trajetórias demonstram uma ligação maior com a modalidade, levando os indivíduos a uma prática mais sistemática desde cedo, seja em escolinhas ou no início no esporte amador ou semiprofissional. Os relatos apontam para o fato de que, sim, “as gays”<sup>7</sup> também gostam de futebol, praticam a modalidade durante bom tempo de suas vidas, têm seu time de coração e frequentam os estádios.

Podemos notar que, entre os “futebóis”, o futebol amador acaba por se configurar como possibilidade para as práticas socioculturais e de lazer dos jogadores, torcedores e da comunidade, especialmente das classes populares (Rigo; Jahnecka; Silva, 2010). Os indivíduos aqui acompanhados também tiveram ao longo de suas vidas oportunidades dessa vivência da modalidade que ultrapassa o desejo de profissionalização.

Ao relatarmos a trajetória dos sujeitos acompanhados nesta investigação e sua relação com futebol enquanto experiência de lazer, eles apontam um conjunto de variáveis que estão em jogo quando as pessoas LGBTQIA+ resolvem, por iniciativas próprias, adentrar o meio futebolístico. As instituições como família, escola, esporte e sociedade são importantes na construção das identidades desses sujeitos, sua aceitação e

---

<sup>7</sup> É muito comum no universo LGBTQIA+ o uso do artigo definido feminino, em muitos casos anteposto a substantivos próprios ou comuns de gênero masculino. Ex.: A João, A Roberto etc. Esses indivíduos comumente usam esses termos ao se dirigirem entre si e a outros membros da comunidade. Além desses termos, outros, inspirados principalmente na cultura afro, foram apropriados por alguns seguimentos da comunidade, como as travestis. Muitos deles podem ser encontrados no livro *Aurélia, a dicionário da língua afiada* (Vip e Lib, 2013).

respeito. E nesse contexto está sua relação com o futebol, um importante elemento de nossa cultura, podendo apontar para outras possibilidades de vivenciar sua prática.

Percebemos que em um determinado momento de sua trajetória de vida os sujeitos dessa pesquisa tiveram o primeiro contato com o futebol em seu tempo/espacô de lazer. Mas esse contato parece ter ocorrido em paralelo com a percepção de que sua (homo)sexualidade se diferenciava da daqueles sujeitos cis-heteronormativos, influenciando, em alguma medida, a sua relação com a modalidade.

Esses aspectos nos fazem pensar sobre o alcance da modalidade nas diversas esferas de nossa sociedade e uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras (Daolio, 2000).

Alguns dos relatos dos sujeitos aponta para o fato de que, sim, as pessoas LGBTQIA+ também têm seu time do coração e seu amor pela modalidade e, assim como muitos brasileiros e brasileiras, as influências disso vêm de diversas maneiras, demonstrando o alcance da modalidade nos corações e mentes das pessoas.

Então, o futebol sempre foi muito presente na minha vida, né? Porque eu venho de família aqui, do interior... eu sempre quis ser alguma coisa. Tentei ser jogador de futebol profissional, né? Aí eu comecei a jogar com oito anos de idade, cheguei a jogar já no semiprofissional [...]. Mas faz parte e o futebol tá no meu DNA, tá na minha vida. É o esporte que eu sou extremamente apaixonado em jogar, assistir, acompanhar, torcer, em tudo. Eu sou assim, eu falo que o futebol, o esporte, não só o futebol, mas o esporte em si, ele salva vidas e salva muita galera que podia estar fazendo coisas erradas e hoje tá no esporte, que ele salva (P. MP).

Por outro lado, compreendemos que a partida de futebol é um momento político específico, espetáculo de desempenho de papéis, de exaltação e subordinação de masculinidades (Moura, 2017; Almeida e Soares, 2012). Os sujeitos LGBTQIA+ convivem com esses aspectos em sua relação com a prática do futebol, forçando a si mesmos, na maior parte das vezes, a se adaptarem a essa realidade, caso queiram

vivenciar a modalidade. Entretanto, a experiência desta investigação aponta para as possibilidades de rupturas nessa conjuntura cis-heteronormativa, permitindo outras possibilidades de vivência do futebol.

### **Constituindo um Lazer Dissidente**

As práticas de lazer como a aqui apontada são permeadas por inúmeros conflitos e possibilidades de serem acessadas como um direito social.<sup>8</sup> Ao serem associadas com as discussões em torno das concepções de resistência e dissidência, podemos lançar luz à discussão, contribuindo na compreensão do fenômeno aqui investigado enquanto uma experiência de ruptura e contestação de um *status quo*.

Louro (2017), ao nos dizer que, sem negar esses espaços que servem de contraponto à norma heterossexual, devemos observar também outras práticas e gestos ensaiados de outros tantos pontos capazes de constituir políticas de resistência. Entendemos que a resistência se dá em múltiplos lugares e muitas vezes de forma intencional e inconsciente, já que os pontos de subversão do sistema de regime heterossexual estarão dispersos por todo o espaço delimitados por esse regime (Louro, 2017; Garcia, 2005).

Como lembra Vieira *et al.* (2020), podemos considerar o caráter de resistência política desses corpos em aliança ao reafirmarem, com regularidade, suas representações e desejos dissidentes da heteronormatividade, mesmo sem o caráter contestatório imediato dessa performatividade coletiva. Tal constatação foi percebida no contato com os sujeitos dessa investigação, ao decidirem adentrar o campo futebolístico

---

<sup>8</sup> A Constituição brasileira de 1988, em seu artigo sexto, define os direitos sociais de todos os cidadãos brasileiros, dentre eles se encontra o lazer (BRASIL, 2008). Assim, o lazer é um direito social no Brasil, possui o mesmo *status* de importância que a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, a segurança e a previdência social (Alves Junior; Dias, 2013).

reivindicando para si o direito à sua prática. Indo além do papel de mero telespectador, esses sujeitos acabam rompendo com um paradigma até então muito cristalizado.

Um ponto de partida para esclarecer do que estamos falando quando nos referimos à dissidência sexual, como lembra Rubino (2019), é considerar que se trata dessas expressões da sexualidade que questionam o regime heteronormativo e a matriz heterossexual, mas também aquelas manifestações normativas da sexualidade não heterossexual, ou seja, da homonormatividade, aspecto este fundamental para a compreensão dos sujeitos aqui investigados. Tal fato nos ajuda a compreender que os sujeitos performam sexualidades e identidades de gênero que estão em movimento e não são estáticas.

Para Vieira *et al.* (2020), ao voltarmos nosso olhar para eventos específicos, envolvendo subculturas de gênero e sexualidades dissidentes, a expressão do corpo, das identidades e das sexualidades desviantes configura a possibilidade de constituição do sujeito contemporâneo como inspiração para uma nova estética de vida, ao romper os estados de resiliência social nas práticas hegemônicas de repressão para os desejos fixos e particulares. As competições e eventos futebolísticos com a presença das pessoas LGBTQIA+ acabam por constituir um espaço/tempo onde vêm à tona essas singularidades dissidentes.

Quando assistimos a pessoas da comunidade LGBTQIA+ também exigirem para si as práticas futebolísticas enquanto uma experiência de lazer, percebemos que elas acabam por forçar barreiras até então existentes que as impediam de praticar a modalidade, uma vez que se constituem enquanto corpos e expressões dissonantes, que “escapam” da norma cis-heteronormativa. Os eventos que pude acompanhar com a participação do time Predadores, são um exemplo de ações que vão ao encontro de aspectos como inclusão, participação e direitos. Os registros abaixo, oriundos dos

diários de campos etnografados na etapa sudeste da Ligay, demonstram um pouco o caráter contestador desses eventos.

Foi percebido que aquele espaço e evento constituíam um momento de lazer, em que cada um dos participantes aproveitava à sua maneira. Ocorriam confraternizações entre atletas que já se conheciam de outras ocasiões, as paqueras antes, durante e após as partidas, e as saídas pela cidade para se divertirem. Isso ocorria pelos bares, saunas e boates da cidade (D.C. Etapa sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.)

Esses trechos da observação de um evento de muita visibilidade LGBTQIA+, no caso a Ligay, dizem muito sobre como esses espaços podem apontar para uma tendência cada vez maior de eventos esportivos voltados para a comunidade. Para Silva, Dullius e Sanfelice (2021), esse processo abre brechas a outras possibilidades de existência, produzindo, por meio das relações de poder, fissuras nas normativas de gênero. Desse modo, as masculinidades dissidentes podem ser compreendidas como o exterior abjeto que constitui a heteronormatividade enquanto categoria quase única no futebol (Silva; Dullius e Sanfelice, 2021).

O esforço teórico em aqui associar as dissidências sexuais e o lazer busca construir epistemologias outras que possam dar conta de compreender nosso lugar de fala e de origem. Compreender como se dão essas experiências que, longe de serem algo estático, a todo instante se transformam e performam, num emaranhado de possibilidades que vão se criando no decorrer dessas atividades.

Para Peres e Toledo (2011), todas essas expressões não normativas, não hegemônicas, com ou sem nome ou identidade pré-definida, podem ser incluídas na expressão “*Queer*”, e a mesma surgiu enquanto movimento político e teórico nos anos 1990, como políticas de ação de grupos que divergiam das normativas da heterossexualidade, e iam contra as políticas de identidade e suas demandas de integração à sociedade heterossexual dominante. Desse modo, “O uso do termo *queer*

veio como estratégia performativa fazendo uso do insulto sexual (do inglês: esquisito, estranho, anormal) como um lugar de ação política” (Peres; Toledo, 2011, p. 263).

Enquanto indivíduos que performam corpos e expressões dissonantes daquelas cis-heteronormativas, as pessoas LGBTQIA+ acabam por provocar borrões e colapsar o espaço futebolístico de diversas maneiras. Algumas falas dos sujeitos demonstram como se dão os eventos voltados para a comunidade dos quais eles participaram:

No caso da Taça da Diversidade em si, que é véspera da Parada Gay de São Paulo e parada LGBTQIA+, de São Paulo, eles sempre fazem algumas coisas relacionadas à conscientização das ISTs. Tem ciclos de conversa, tem distribuição de preservativos... Do teste, né, do teste rápido, HIV. E eles fazem muitas campanhas, sim, mas não passa disso, não. Eles costumam realizar uma questão cultural mesmo no local, tipo uma música ao vivo... Alguma coisa... (P. B.).

Além desses aspectos, podemos citar o fato de que na realização desses eventos as cores da bandeira da comunidade LGBTQIA+ acabam por predominar, assim como os uniformes dos times e seus escudos. Nesse sentido, a ação de oposição no lazer e por meio dele pode assumir uma variedade de formas, podendo ser coletiva ou individual, pública ou privada, simbólica ou material (Sharpe, 2017). Podemos constatar um duplo movimento provocado pela presença das pessoas LGBTQIA+ nas práticas futebolísticas. Constitui-se enquanto uma resistência quando seus membros desafiam uma realidade dada onde são excluídos na maior parte das vezes e ali permanecem, vivenciando a modalidade à sua maneira. E se constituem enquanto dissidências em relação a uma norma sempre variável no quadro de um sistema de poder, que acaba por romper com a norma cis-heteronormativa, assimilando ou não parte de seus modelos, mas dando origem a outras possibilidades que estão em constante transformação.

Ao propormos apresentar o que chamamos de Lazer Dissidente, nos referimos a expressões de lazer que vão de encontro àquelas oriundas de modelos heteronormativos, desafiam a cultura heterossexual dominante, pois dessencializam modelos considerados naturais e universais. Quando incluímos as práticas esportivas que estão aos poucos

sendo invadidas, tomadas e ocupadas pelas pessoas LGBTQIA+ enquanto um Lazer Dissidente, estamos dizendo que tais práticas acabam por expor formas de ser e estar muitas das vezes indesejáveis e discriminadas pela norma heterossexual. Isso muito em parte porque os indivíduos que se enquadram nessa identidade cis-heteronormativa sobrevivem por meio de discursos moralistas e preconceituosos, mas que paradoxalmente acabam por usufruir muitas das vezes desses Lazer Dissidentes.

Logo, pudemos verificar na investigação aqui descrita, onde sujeitos da comunidade LGTBQIA+ acabam por consolidar, a cada dia, uma maneira própria de vivenciar o lazer, com todas as contradições e idiossincrasias presentes, próprias de fenômenos sociais que se constituem num determinado tempo e lugar, num devir.

### **Constituindo um Futebol Dissidente**

A participação das pessoas LGBTQIA+ nos esportes, numa análise da dimensão simbólica do ritual de preparação e participação nos jogos, o que está em jogo dentro e fora do campo é a constituição de um espaço de lazer próprio desses sujeitos. Por isso, tratamos aqui de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, que jogam futebol e nutrem paixão pela modalidade

Podemos incluir o futebol praticado pela comunidade LGBTQIA+ e a ideia de futebóis, no plural, porque os modos de existência desse jogo simples e cativante são, de fato, diversificados e os estudos esportivos precisam dar conta disso (Damo, 2018). As iniciativas da comunidade LGBTQIA+ no sentido de também usufruírem a modalidade acabam tensionando o espaço futebolístico, configurando-o como um terreno fértil de disputas.

Nessa direção, começam a surgir iniciativas de pessoas da comunidade interessadas na prática da modalidade, algo que teve um começo tímido e que logo

tomou conta de muitas cidades pelo país. Há registro de que o Brasil possui mais de 80 times de futebol LGBTQIA+ em atividade, de acordo com um mapeamento realizado pelo Museu do Futebol em São Paulo. Esses times representam a diversidade e a pluralidade no esporte, e muitos deles têm histórias inspiradoras, como o caso do Real Centro, fundado em 1990 na cidade de São Paulo, sendo a primeira equipe de futebol gay do país.

Paralelamente à realização da Ligay, outros campeonatos voltados para a comunidade LGBTQIA+ também ocorreram no mesmo período, como a *Taça Hornet* e *True ColorsCup*, ambas na cidade de São Paulo. Entretanto, elas não foram adiante e não se constituíram enquanto uma Liga, como no caso da Ligay. Especificamente sobre as competições da Ligay, o regulamento das competições segue o mesmo dos jogos de time heterossexuais,<sup>9</sup> havendo o pagamento de taxa de inscrições nas competições e estipulação de taxa anual para que se faça parte da entidade. A principal diferença está no fato de que seu regulamento prever que a participação está aberta apenas às pessoas LGBTQIAPN+.

Com a realização da primeira Ligay em 2017, cujo equipe campeã foi o time Bharbixas de Belo Horizonte, houve o incentivo para o surgimento de outros times pelo país e em BH não foi diferente. O relato a seguir descreve como se deu esse processo:

O Predadores, nós fundamos ele [sic] eu e mais 17 pessoas que éramos atletas de outra equipe, que é o Felinos Futebol Clube, na época. Hoje é Felinos Esporte Clube. Então o Predadores nasceu de uma dissidência do Felinos no ano de 2019. Ali no período do Carnaval, 20 de fevereiro de 2019 [...] O pessoal animou, fizemos votação do nome Predadores Futebol Clube. Inclusive [...] Escolhemos a cor que iríamos ostentar nas camisas. Escolhemos o uniforme. Escolhemos o mascote... E assim foi, de maneira democrática, em votação. Tudo que a maioria definia, a gente foi estabelecendo dentro do Predadores (P. A).

---

<sup>9</sup> Os participantes são divididos em grupos de 4 equipes cada, que jogam entre si em turno único para definir os classificados para a fase seguinte. Assim como em competições de futebol profissionais, há a disputa de semifinais, final e terceiro lugar. As partidas têm duração de dois tempos de 12 minutos cada.

Logo, em 2017 temos em BH a criação dos time Bharbixas e também outro denominado Mano Tauros, seguido em 2018 pela criação do time Felinos, em 2019 surge o Predadores e o Inconfidentes Pride e em 2022 cria-se o time Elite composto por pessoas trans. Tais características sobre o surgimento dos times em Belo Horizonte demonstram um processo permeado por conflitos internos que ainda persistem e dificuldades de subsistência pelas quais esses times passam.

O depoimento a seguir, retirado do diário de campo, ilustra um pouco essa dinâmica presente na origem dos times da cidade.

‘P. M’ comentou que esse fluxo de atletas entre os times de BH é comum e muitos trocam de time, como foi o caso do surgimento do Predadores, composto por dissidentes do Felinos. Isso ocorreu com a maioria dos times existentes hoje em BH: Mano Tauros, Inconfidentes, Felinos e Predadores. (D.C. 23 de abril de 2023).

As diferenças e divergências entre os times hoje existentes na cidade ainda persistem, gerando rivalidades e críticas entre seus membros. Tais aspectos podiam ser notados durante as competições que disputavam, nas quais se afloravam as rivalidades e sentimentos diversos: exibicionismos, vaidade, sentimento de superioridade, discriminações, dentre outros. Isso revela uma característica própria desses times observados, e vemos a presença de uma rivalidade acrescida com aspectos como interesses afetivo-sexuais e discordância na forma de escalar o time e acolher os jogadores.

O time Predadores possui uma organização interna que se assemelha à de times amadores, característicos de um associativismo esportivo. Sua estrutura interna se dá pela existência de uma diretoria composta, basicamente, por presidente, vice-presidente, tesoureiros e conselheiros.

Durante o acompanhamento do time foi possível compreender como se dava a dinâmica de preparação para as competições e da escolha de quais o time iria participar.

Além das competições exclusivamente voltadas para o público LGBTQIA+, o time participava de amistosos e torneios heterossexuais, algo que suscitava alguns acontecimentos importantes para nossa investigação.

Os espaços, quadras, onde aconteciam as competições e amistosos do time, se concentravam em diversas regiões da cidade de Belo Horizonte, uma escolha que não cabia ao time e sim aos organizadores desses eventos. Quanto aos espaços de treinos do time, eles se concentravam basicamente em dois locais da cidade: na quadra Bola Na Rede, localizada no bairro Liberdade, na região da Pampulha, e na quadra Campo Maria Brasilina, sendo que no primeiro foi realizada a maioria das competições e confraternizações do time.

### **Futebol Dissidente: Performatividades Postas em Xeque**

Durante o período de acompanhamento foi possível assistir o Predadores participando de amistosos ou competições junto também a times de jogadores heterossexuais, uma prática comum do time, segundo seus integrantes. Tais situações, ao colocarem em xeque o terreno seguro e viril do meio futebolístico, acabam por também aflorar uma prática futebolística dissidente que subverte em alguns aspectos o futebol como o conhecemos. A fala a seguir, de um dos integrantes do time, demonstra um pouco das situações que ocorrem quando jogam com times heterossexuais:

Quando o time sabe que é um time gay que tá jogando contra eles, eles acham que é mais fácil, e eu não vejo eles tendo preconceito com a gente. Eu acho que o preconceito eles vão falar assim, 'ah, não, eu não vou jogar com esse time, porque esse time é de gay, de viado', que eles falam assim. E eu nunca presenciei assim, não. Teve situações que eu acredito que não sabiam, mas quando nós chegamos, que já aconteceu o que eu vi, no nosso time tinha vários caras mais afeminados, e que eles já chegavam dando pinta, e o povo já olhava assim: 'Ué!' Aí, já tiravam uma [...] 'Esse pessoal é gay, não é?' Ele acha que deve ter mesclado, que tem gente que não é, que tem gente que é. Cultura deles acharem que é ou não. Mas tem campeonatos, tem amistosos que a gente participa, que o time já é, já fala: 'Mas é um time gay'. Já deixa claro (P. C.).

A experiência de acompanhar o time nesses jogos permitiu que percebêssemos como era a postura de seus integrantes nessas ocasiões, assim como a reação dos presentes, como as torcidas, parentes e amigos e os próprios jogadores. É comum observar reações de espanto por parte de algumas pessoas quando descobrem que membros da comunidade LGBTQIA+ não apenas gostam de futebol, como também são habilidosos. Isso ocorre muito em parte porque se esquecem que esses indivíduos também são influenciados pela cultura futebolística tão enraizada em nosso país. Visões estereotipadas quanto à habilidade de pessoas LGBTQIA+ com o futebol estão de acordo com uma sociedade que espera comportamentos definidores de masculinidades, os quais, para a maioria, estão ligados a agressividade, força física, destreza, dentre outras qualidades físicas, algo que não reconhecem nos indivíduos da comunidade.

No entanto, Isso acaba os levando em alguns momentos, a optar por uma postura em campo mais parecida com os padrões de masculinidades em vigor ou a evitar muita exposição quando participam de competições da modalidade. Numa conversa com um dos integrantes do time, durante um amistoso com um time heterossexual, essa discussão reaparece, demonstrando a complexidade desse fenômeno.

Antes do início do jogo, com um dos jogadores (P. B.), conversamos sobre a sexualidade de alguns integrantes do time que não deixam isso claro. No caso, são dois atletas que se dizem heterossexuais, mas, segundo P. B., eles são no mínimo bissexuais e fazem isso devido a uma dificuldade de se assumir. Segundo ele, isso deve acontecer por causa da dificuldade de assumir em outros meios, fazendo com que em muitas ocasiões, como durante as fotos tiradas pelo time, eles escondam o rosto. A questão é: por que procuram um time LGBT e têm dificuldade de se assumir enquanto bissexuais? Reflexões integrantes e instigantes para se pensar; (D. C. 23 de abril de 2023).

A internalização de valores de uma sociedade heteronormativa ocorre durante a história de vida dos sujeitos, sejam eles da comunidade LGBTQIA+ ou não. Segundo Galimberti (2010), internalizar refere-se à adoção pelo indivíduo de crenças, preconceitos, valores, atitudes, normas, leis, ideias, costumes, tradições, hábitos e modelos de comportamento em vigor em seu grupo social.

Cabe destacar que esse movimento que assistimos — de um número crescente de pessoas da comunidade LGBTQIA+ praticando o futebol e reivindicando espaço e incentivos para isso — é um fenômeno recente. Os organizadores das competições a cada evento e a cada ano que passa buscam aprimorar os encontros, para que atendam às expectativas e interesses de seus membros.

Entretanto, como chama atenção Vieira *et al.* (2020), por mais que essas manifestações de singularidades de corpos e performatividades sejam, muitas vezes, antagônicas quanto aos princípios morais e ideológicos predominantes, a ausência de uma política em favor da equidade expõe o estado de precariedades sociais, já que novas estéticas de existência são coagidas. Esse dilema quanto a visibilidade ou não de uma postura própria de alguns membros da comunidade LGBTQIA+, acompanharam o time e foram motivos de questionamentos e tensões entre os jogadores dentro e fora de campo.

Ao praticar o futebol entre seus membros ou não, a comunidade LGBTQIA+ acaba configurando uma prática futebolística dissidente, que impõe um jeito singular de vivenciar a modalidade, mas trazendo, com isso, um “combo” de aspectos que a diferem e demonstram suas contradições, disputas internas e peculiaridades. Isso acaba por forçar barreiras e expor conflitos e contradições dentro do próprio futebol, dando um recado à sociedade de que essas pessoas existem e se constituem enquanto cidadãos e cidadãs de direito.

Cabe-nos questionar se a presença cada vez maior de membros dessa comunidade nos jogos de futebol não forçaria algumas mudanças para que fosse permitido uma performatividade própria em campo. O futebol é uma instituição social culturalmente bem estabelecida, assim como suas regras e, claro, não podemos esperar que “esse” futebol mude. Mas podemos propor e ver surgir uma performatividade gay-

queer em campo, deixando sua marca e expressividade próprias, fazendo com que o futebol e a sociedade como um todo se vejam obrigados a encarar seus preconceitos e dogmas. Isso já está de algum modo ocorrendo quando assistimos à presença de um futebol dissidente sendo escrito pela comunidade LGBTQIA+.

Os dados obtidos nessa investigação permitiram que constatássemos a complexidade existente dentro do universo futebolístico LGBTQIA+ de Belo Horizonte. Foram verificadas práticas que aqui denominamos dissidentes, por sua natureza contestatória, que vão de encontro a uma norma única e validada, a norma cis-heteronormativa. Entretanto, na contramão do discurso daqueles que exercem e reafirmam a dominação masculina, assistimos a iniciativas como aquelas aqui observadas, por meio das quais jogadores, times e ligas LGBTQIA+ elaboram práticas discursivas que confrontam a hegemonia masculina da heteronormatividade. Mesmo com inúmeras contradições, disputas internas e externas e dificuldades de descolamento de uma prática futebolística heterossexual, além das ameaças, hostilidades e constrangimentos que dificultam sua prática, esses sujeitos têm suscitado reflexões e conseguido ampliar a visibilidade do debate sobre a homofobia e o machismo como posturas que segregam e criam obstáculos ao reconhecimento dos LGBTQIA+ no contexto do futebol.

Ao constatarmos que estamos lidando com práticas dissidentes de lazer e futebol LGBTQIA+, entendemos que estas se constituem num processo em constante construção e desconstrução, nada é dado *a priori*, pelo contrário, no caminhar dessa investigação aprendemos com os sujeitos e eles, em certa medida, puderam rever seus saberes e conhecer outros. Para Sharpe (2017), o esporte pode se transformar em veículos de resistência política ou cultural, particularmente quando as competições esportivas envolvem grupos subordinados (por exemplo, colonizados, racializados,

politicamente oprimidos) jogando contra grupos que representam o poder dominante. Essa disputa pôde ser observada nessa investigação, dentro e fora de campo. As competições e amistosos que o Predadores realizou junto a times heterossexuais se configuraram também em importantes marcadores sociais e ocupação de espaços antes impróprios às pessoas LGBTQIA+.

Ao falarmos de sujeitos que têm histórico de preconceito e apagamento, a participação em atividades esportivas fica ainda mais restrita. Quando assistimos à realização de competições futebolísticas voltadas para o público LGBTQIA+, elas ocorreram por iniciativa desses indivíduos, e não por incentivo de poder público ou instituições privadas.

Ao tratarmos aqui do lazer e do futebol dissidente, trazemos à tona seus corpos, expressões linguísticas e sexualidade dissonantes, que têm reivindicado para si a prática do futebol como seu espaço por direito. Sendo assim, “Para existir, o futebol se relaciona tanto com estruturas de poder já estabelecidas quanto com grupos dissidentes, que almejam sua transformação” (Gomes, 2020, p. 72).

As inúmeras competições e times LGBTQIA+ estão se espalhando pelo país, deixando sua marca por onde passam, mas principalmente conquistando um espaço que foi por muito tempo negado a esses sujeitos. Esses atores elaboram estratégias de resistência que os possibilitam apropriarem-se das práticas futebolísticas e, assim, tensionar tais normas reguladoras dos corpos e subjetividades que adentram tal campo, bem como ressignificar o sentido de jogar bola e pertencer a uma equipe de futebol (Pisani; Pinto, 2021).

Vislumbramos um potencial disruptivo promissor daqui para frente quando nos referimos às práticas futebolísticas e esportivas da comunidade LGBTQIA+. A experiência aqui relatada nos dá esperança nesse sentido. Vamos ao trabalho!

## Considerações Finais

A presença das pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis, *Queer*, Intersex, Assexuados, Pansexuais, Não binários) no universo esportivo aos poucos tem conquistado seu espaço e a abordagem etnográfica aqui realizada foi apropriada para levar em frente esta investigação voltada para o público LGBTQIA+ e o futebol, buscando compreender tal fenômeno e os significados e sentidos que os atores colocam e utilizam em sua relação com o esporte.

Ao chamarmos de Lazer Dissidente a experiência aqui descrita, nos referimos a expressões de lazer que vão de encontro àquelas oriundas de modelos heteronormativos. As iniciativas da comunidade LGBTQIA+, no sentido de também usufruírem as práticas futebolísticas como a aqui descrita, tensionam o espaço futebolístico, conferindo um terreno fértil de disputas. Logo, essas pessoas acabam por instaurar uma certa rebeldia no meio futebolístico quando praticam a modalidade com seus corpos e desejos dissidentes. Os aspectos aqui percebidos durante o acompanhamento do time Predadores são reveladores pois mostram que, ao se interessarem pela prática futebolística, os membros da comunidade LGBTQIA+ têm enfrentado inúmeros desafios que os colocam frente a frente a uma sociedade ainda muito preconceituosa.

As pessoas LGBTQIA+, com seus corpos, identidades e sexualidades dissonantes, adentram o campo futebolístico, reivindicando para si a prática da modalidade. Ao exporem seus corpos, desejos, expressões e sexualidade dissidente, esses indivíduos acabam por borrar as certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer e indo além, ao apontarem para uma existência e pertencimento de pessoas normalmente invisibilizadas e abjetas. Quem diria que no futebol isso também seria possível? Pois está sendo, num devir...

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 301-321, jan.- mar. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ANJOS, L. A.; SILVA JUNIOR, J. A. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, Vassouras, v. 9, n. 4, p. 214-131. 2018

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; DIAS, Cleber. Lazer: um direito de todos. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v.8, n.23, p. 63-86, set.-dez. 2013.

ANDERSON, E. Masculinidades e sexualidades nas culturas esportivas e físicas: três décadas de pesquisa em evolução. **Journal of Homosexuality**, Bethesda, v. 58, n. 5, p. 565-578, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21534070/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BONIN, Iara Tatiana *et al.* Por quê Estudos Culturais?. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, 2020.

BUENO, Flavio Amaral e PIMENTA, Victor. Midiatizando performances da representatividade: A abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte. com. **Textos completos–GT2**. 2018. p. 253-265.

BUTLER, Judith. Corpos que Pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Gaucira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias das sexualidades. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. **Análise social**, Lisboa, v. 46, n. 99, p. 237-259, 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016.

CAMARGO, Wagner Xavier de. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de Gênero e os muitos futebóis no Brasil. In: GIGLIO; PRONI (org.). **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, pós-estruturalismo e educação: identidades, para quê? In: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Entrelaçando gênero e diversidade**: múltiplos olhares. Curitiba: EDUTFPR, 2016. p.147-163.

CHAMPIONS LiGay: BH, recebe, pela primeira vez, campeonato brasileiro de futebol LGBT. **BHAZ.** Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2019/09/10/champions-ligay-lgbt-bh/>. Acesso em 12 nov. 2019.

CHAMPIONS LiGay. *In: Wikipédia*: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Champions\\_Ligay](https://pt.wikipedia.org/wiki/Champions_Ligay). Acesso em 26 jul. 2021.

COLLING, A. M., TODESHI, L. A. (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2.ed. Dourados: Ed. Universidade Federal de Grande Dourados, 2019.

DAMO, Arlei. Futebóis: apresentação. Belo Horizonte: **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 3-9, 2018.

DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. *In: Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-44, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas**: capitalismo y esquizofrenia. Valencia: Pre-textos, 1988.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOULCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GALIMBERTI, U. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

GARCIA, David Córdoba. Teoria *queer*: reflexiones sobre sexo, sexualidade e identidade hacia uma politización de la sexualidade. *In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier e VIDARTE, Paco (orgs.). Teoria Queer, Políticas Boleras, maricas, trans, metizas*. Barcelona y Madrid: Editorial Egales, 2005. p. 21-66.

GOMES, C. L. Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, V. A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

LAGES, C. E. D M.; SILVA, S. R. Futebol e Lazer: Diálogos e Aproximações. (2012). **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 15(1).

LIGAY Nacional de Futebol. **SporTI**. Apresenta notícias sobre a liga. Disponível em: <https://plataforma.sporti.com.br/LIGAY>. Acesso em 04 abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. **Para uma vida não-fascista**. São Paulo: Autêntica, 2017. p.135-142.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Rev. Tempo Social**, São Paulo, p. 81-95, abr. 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MOURA, J. C. C. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 17, n.198, p. 70-79, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/37993>.

OLIVEIRA, Edson de. **Redescobrindo o sentido do jogo**: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia e rituais: relato de um percurso. **Anuário antropológico**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 237-248, 2016.

PERES, Wiliam Siqueira; TOLEDO, Lívia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, p. 261-277, 2011.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021.

POCAHY, Fernando Altair. (Micro) políticas queer: dissidências em pesquisa. **Textura: Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 38, 2016.

QUEIROZ, F. P. de; SILVA, S. R. da. Lazer, economia e futebol: as mudanças na precificação do ingresso no estádio Mineirão entre 1994-2018. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.8, n.2, p.76-93, mai./ago., 2021.

RECHIA, Simone. Cidadania e o direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade. **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 45-60.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, L.; SILVA, I. Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p.155-179, jun./set. 2010.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET Filosofia**, Teresina, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020.

RUBINO, A. Para uma (in)definição da dissidência sexual: uma proposta para sua análise na cultura. **LUTHOR Magazine** [s.l], n. 39, p.62-80, 2019.

SHARPE, Erin. Contra os limites: uma teorização pós-estrutural da resistência no lazer. **O Manual Palgrave de Teoria do Lazer**, [s.l.], 2017.

SHAW, Susan M. Resistência. *In: Um manual de estudos de lazer*. Londres: Palgrave Macmillan: Reino Unido, 2006. p. 533-545.

SILVA, André Luiz dos Santos; DULLIUS, Rafael Goulart; SANFELICE, Gustavo Roese. Masculinidades dissidentes na copa do mundo do jornal “Folha de São Paulo”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 42, 2021.

SILVA JUNIOR, J. A. **Pedagogia do armário**: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. 2018. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, S. R. da; SOUZA NETO, G. J. de; CAMPOS, P. A. F. Lazer, torcidas e futebol. *In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.) Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: APICURI, 2011.

VIEIRA, Marcos Sardá *et al.* Corpos dissidentes em associação e reconhecimento. **Relies: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, Sevilha, n. 3, p. 134-151, 2020.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia**: a dicionário da Língua Afiada. 24 ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

### **Endereço dos Autores:**

João Martins Nogueira Junior  
Endereço eletrônico: [jmartinjr19@yahoo.com.br](mailto:jmartinjr19@yahoo.com.br)

Silvio Ricardo da Silva  
Endereço eletrônico: [prof.srs@gamil.com](mailto:prof.srs@gamil.com)